



# PROMETEUS - FILOSOFIA



MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHAÍ

JANEIRO/ JUNHO DE 2014 - VOLUME 7 - ANO 7 - N. 15

ISSN: 2176-5960

## A TEOGONIA DE FERECIDES DE SYROS E O AMBIENTE CULTURAL DO PORTO HELENO-FENÍCIO DE SYROS: UM EXERCÍCIO EM TEORIA E METODOLOGIA DE HISTÓRIA

Rodrigo Pinto de Brito  
Doutor em Filosofia pela PUC-RJ  
Professor do Departamento de Filosofia da UFS

Dedicado a Pedro Carné, Vicente Dobroruka e Adriene Tacla

**RESUMO:** Artigo em que se pretende reconstruir o ambiente cultural híbrido da Cíclade Syros no século VI a.C., enfatizando precisamente o sincretismo heleno-fenício, através da análise dos fragmentos da Teogonia de Ferecides de Syros, sob o paradigma teórico-metodológico da microhistória e da lexicografia, demonstrando, ademais, o impacto dos escritos ferecideanos sobre a percepção grega jônica da natureza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teogonia. Naturalismo. Ferecides de Syros. Hibridismo. Sincretismo. Microhistória.

**ABSTRACT:** Paper in which we try to reconstruct the hybrid cultural ambient of the Cycladic island of Syros, in the sixth century BC. We emphasize precisely the Hellenic-Phoenician syncretism by the analyses of the fragments of the Pherecydes of Syros's Theogony, under the theoretical and methodological paradigm of the microhistory and the lexicography. Furthermore, we try to show the impact of the pherecydean writings on the Ionian Greek perception of the nature.

**KEYWORDS:** Theogony. Naturalism. Pherecydes of Syros. Hybridism. Syncretism. Microhistory.

Por outro lado, quanto aos primeiros dentre os gregos que filosofaram acerca das coisas celestes e dos deuses, tal como Ferecides de Syros, Pitágoras e Tales, todos igualmente concordam que, tendo eles sido discípulos dos egípcios e dos caldeus, poucas coisas escreveram. (Josefo, *Contra Apionem*, I, 2= 11A11).

Ferecides de Syros diz que Zas, Khrónos e Ctónia são eternamente os três primeiros princípios [...] e que Khrónos produziu do próprio sêmen o fogo, o vento e a água [...] dos quais, por cinco grutas repartidos, deriva uma muito diversa geração divina, chamada a das cinco grutas, o que quer dizer, igualmente, a dos cinco mundos. (Damáscio, *Dubitaciones et solutiones de primus principiis*, 124 b.)

## I- APRESENTAÇÃO DA QUESTÃO FERECIDEANA:

### 1- Detecção dos problemas:

Esse trabalho se propõe a analisar a circulação de ideias nas cidades portuárias do Mar Egeu nos séculos VII e VI a.C., mais notadamente na ilha de Syros, à luz da Teogonia de Ferecides de Syros, que foi considerada já na sua época uma obra ímpar tanto por sua forma de escrita em prosa quanto por seu conteúdo — em que é elaborado um discurso sobre a origem dos deuses e do cosmos onde elementos estritamente naturalistas são incluídos. A partir dessa investigação poderemos saber a que ponto as inovações de Ferecides quanto à Teogonia foram de certa forma fruto de uma circularidade de ideias.

A intuição para a detecção do problema que será exposto surgiu quando da leitura e estudo de diversos fragmentos de filósofos pré-socráticos. Uma coisa que logo salta à vista é a insuficiência do próprio termo “pré-socrático”<sup>1</sup>, o que se dá por vários motivos, em suma:

a) trata Sócrates como o pináculo na história da filosofia antiga, relegando a um plano marginal questões de filosofia física, que em geral, mas não exclusivamente, antecederam Sócrates, bem como outras filosofias que surgem, por exemplo, mais

---

<sup>1</sup> A denominação “pré-socráticos” foi cunhada e utilizada pela primeira vez por Eduard Zeller (1814-1908). Quem mais contundentemente criticará essa denominação será Erick Havelock (1996, p. 15-22).

tardiamente no período helenístico. Essa é uma visão oriunda dos teólogos medievais, que consideravam que o ápice da filosofia se deu com Platão e Aristóteles, em grande medida devido ao contato que Platão teve com Sócrates e Aristóteles com a filosofia socrática, via Platão.

b) Pré-socráticos são considerados os pensadores que fizeram uma filosofia eminentemente física. Eles seriam uma espécie de preâmbulo imaturo e infantil às reflexões de Sócrates que, insatisfeito com as palestras de Arquelaos<sup>2</sup>, porta-voz da filosofia milésia no séc. V, ou, segundo Platão<sup>3</sup>, com as obras de Anaxágoras, porque nelas não havia mais do que questões de astronomia e meteorologia, teria criado um novo escopo para as investigações filosóficas: o homem, seus vícios e virtudes, sua civilidade e tudo que se refira ao seu comportamento na *pólis*. Mas o que dizer da escola atomista ou abderita, por exemplo, que atinha-se em seu início quase que exclusivamente a questões físicas e que vigorou na Jônia na mesma época em que Sócrates investigava as opiniões dos seus concidadãos em Atenas, tendo inclusive perdurado pelo período helenístico?

Além disso, a apologia da maturidade intelectual de Sócrates, Platão e Aristóteles — contra a puerilidade dos “pré-socráticos”— é um reflexo da tendência deliberada de escolher ou eleger o contexto ateniense do séc. V a.C. como o apogeu da grecidade, e essa opção tem, no âmbito da história da filosofia, dois graves reveses:

1- a relegação à marginalidade de importantes filosofias, como o estoicismo, o epicurismo e o ceticismo, historicamente situadas no período helenístico, tratado como decadente por Cornford (1967). Para Cornford<sup>4</sup>, o empobrecimento da cultura grega no período helenístico se deve aos seus contatos com o oriente. Tal autor, assim, alinha-se à interpretação da história da filosofia conhecida como “milagre grego”, no qual tudo o que floresceu no período clássico, salvo raras exceções como a matemática e a astronomia, deve-se estritamente ao progresso da cultura grega, insulada de contatos com o estrangeiro nos sécs. VII e VI a.C.<sup>5</sup>. Usamos a abertura da Grécia com o oriente e *vice-versa* durante o

<sup>2</sup> Diógenes Laércio, *Vida dos Filósofos* (doravante *D.L.*) II 19.

<sup>3</sup> *Fédon*, 97b-98b.

<sup>4</sup> Ver: CORNFORD, F. M. *The Unwritten Philosophy and Other Essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

<sup>5</sup> Ver: BURNET, J. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006. Contra Burnet e Cornford acerca do insulamento da cultura grega ver: BURKERT, W. *The Orientalizing Revolution*. Harvard: Harvard University Press, 1998. Ataques à noção de que o período helenístico é decadente aparecem em: ‘SEDLEY, D. *Os Protagonistas*. IN: Revista Índice, vol. 02, n° 1, 2010/1’.

período helenístico para demonstrar, contra Cornford, que na verdade se tem uma maior circularidade de ideias que é amplamente frutífera, oriunda de um processo de hibridismo cultural.

2- Da mesma forma, o perigoso argumento do “milagre grego”, chamado de antissemita no prefácio de Burkert (1998), quando restrito aos contextos dos sécs. VII e VI a.C., gera exegeses bastante insatisfatórias, uma vez que miopemente impede que se veja a riqueza do hibridismo cultural presente em Hesíodo, e atestado, por exemplo, pela criatura serpentiforme em sua *Teogonia*, e também no orfismo, no pensamento ferecideano e pitagórico, bem como no próprio pensamento milésio, primórdio da filosofia ocidental. Dessa forma, em nosso horizonte teórico, nos baseamos na noção de hibridismo cultural<sup>6</sup> para nos concentrarmos justamente no sincretismo heleno-fenício e cicládico do sec. VI a.C., desvelando em que aspectos a Teogonia de Ferecides e quicá todo o nascente naturalismo jônico são devedores do contato com o oriente-próximo.

Foram realmente filósofos os primeiros filósofos? Se tivermos em conta que o primeiro a utilizar a palavra ‘filósofo’ foi provavelmente Pitágoras, será inevitável inferirmos que, então, o termo cunhado por ele tardiamente foi aplicado retroativamente a Tales, por exemplo. De fato, os pensadores milésios não eram em sua época chamados de *philósophoi* e nem de *physikoí*. No século VI a.C. homens como Ferecides, Tales, Pitágoras e Sólon eram chamados simplesmente de *sophoí*, termo que denota todo o respeito e admiração que os gregos tinham por estes ‘sábios’. Mas a sabedoria que eles possuíam, a *sophía*, não é somente uma sabedoria teórica, típica dos tempos de Platão e Aristóteles: a *sophía* do século VI refere-se também à habilidade prática, tanto técnica quanto à prudência política. Portanto, homens como Tales e Ferecides eram reconhecidos não só por suas teorias cosmológicas ou cosmogônicas (o caso de Tales é ainda mais evidente), mas também por seus valiosos conselhos políticos e práticos, fato é que a inserção política desses homens é imprescindível para que a eles se atribua o estatuto de *sophoí*<sup>7</sup>.

Assim, chegamos ao ponto crucial que faz dessa questão a mais importante por ora, e a pista para ela está em Aristóteles. Quando o lemos, em uma das passagens mais

<sup>6</sup> Ver: ‘BHABHA, H. K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998’.

<sup>7</sup> Ver *D.L.* I 12 a 122 para mais exemplos da inserção política dos ‘sábios’.

importantes que nos resta quanto à doxografia concernente a Ferecides, o estagirita nos diz que:

[...] os teólogos “mistos” (*memigménoi*<sup>8</sup>), aqueles que não dizem tudo por uma forma mitológica, tais como Ferecides e alguns outros, e também os Magos, fazem do primeiro genitor a *melhor* de todas as coisas. (Aristóteles *Met.* N 4, 1091 b 8).

Pelo contexto geral da obra de Aristóteles em que ele, entre outras coisas, analisa a “evolução” do pensamento filosófico (e assim cria um dos primeiros trabalhos que poderíamos chamar de uma “História da Filosofia”), percebemos uma linha muito tênue separando as teogonias e o pensamento mítico da filosofia dita “racional” – mas há de fato uma oposição extrema entre eles?<sup>9</sup> As ideias dos teogonistas precursores das cosmogonias filosóficas não parecem de fato “filosóficas” porque se assemelham mais propriamente às ideias mitológicas do que “racionalistas”, mas podemos questionar quão “racionalistas” eram as primeiras explicações estritamente filosóficas da natureza. Se observarmos, por exemplo, as primeiras cosmologias elaboradas por Tales e seus sucessores da escola de Mileto, veremos como ainda há lá ideias que são, na forma, dificilmente dissociadas de um pensamento mitológico — as ideias de Tales de que o cosmos se originara da água e que a Terra nela flutua lembram, respectivamente, as ideias de Hesíodo de que tudo se originou do Caos e de Alcmeão de que a Terra flutua em uma enorme entidade aquática, limite circundante do solo, Okeanos. Ainda, se formos mais além do que a escola de Mileto e observarmos Pitágoras, veremos como ele criou uma verdadeira seita em torno das suas descobertas científicas matemáticas (descobertas ainda incipientes, devemos salientar). Mesmo a crítica contundente de Parmênides ao “irracionalismo” milésio e heraclítico é feita em forma poética e com o auxílio da Musa. Considerando então isso e também certas peculiaridades inerentes aos sistemas teogônicos propostos e desenvolvidos por Hesíodo, Alcmeão e Ferecides, podemos afirmar que esses sistemas são significativos prelúdios das tentativas de explicar o mundo, sua origem e seu arranjo.

<sup>8</sup> “μεμιγμένοι”: participio perfeito médio-passivo masculino dativo plural de “μίγνυμι” (misturar).

<sup>9</sup> Para mais sobre o problema apresentado a seguir ver: VERNANT, J-P. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Assim sendo, não nos interessarão diretamente elementos da mitologia pura, mas antes conceitos que, mesmo expressos através de uma linguagem mitológica, são o resultado de uma maneira mais empírica e não simbólica de pensar. De onde surgem esses conceitos? Como se desenvolvem? Como contribuem para a mudança de paradigma da relação homem/natureza, bem como para uma nova leitura da natureza?

O modo mais empírico de pensar começa a despontar quando do esforço para sistematizar as múltiplas divindades da lenda, fazendo-as descender de um antepassado comum ou de um par (casal) deles, com isso começam as investigações e indagações sobre a estrutura do mundo circundante. O primeiro passo fora dado para a descoberta de que o mundo é natural, e não meio natural e meio sobrenatural, e o universo viria a surgir para a mente humana como um conjunto articulado de forças e elementos naturais que se comportam de forma predeterminada e calculável, embora além do controle da ação humana.

Se de fato os passos decisivos na direção de criar uma interpretação naturalista da própria natureza foram dados pelos filósofos chamados de *physikoi logoi*, também é correto afirmar que esses passos só foram possíveis graças aos passos dos precursores teogonistas. Nesse sentido, é obviamente notável a genialidade de Hesíodo, mas, para sermos bem sucedidos no âmbito da discussão proposta devemos analisar uma Teogonia mais tardia, limítrofe entre a nova, “racionalista” e imanentista forma de entender a natureza, uma natureza concebida de forma estritamente natural, para podermos identificar o surgimento, o gérmen dessa nova maneira de conceber o mundo circundante. Para tal, deveremos então nos ater à Teogonia de Ferecides, mas não sem prescindir da análise da conjuntura política da Jônia e das Cíclades no século VI a.C. e especialmente da cidade de Syros. Consideramos que Ferecides é a melhor fonte disponível da transição do pensamento mítico para o pensamento filosófico. Contudo, ao contrário da abordagem excessivamente personalista típica da filosofia, pretendemos entender o que propiciou tal transição nos atendo tanto ao texto de Ferecides quanto aos processos sociais por trás de tal transição.

## 2- Ferecides de Syros:

Ferecides de Syros, mitógrafo e teogonista, foi considerado por Alexândros em *Sucessão dos Filósofos* “o primeiro a escrever aos helenos a respeito da natureza e da origem dos deuses” (*apud. D.L. I 116*). Aristóteles atribui-lhe uma importância especial entre os mitógrafos por não ter interpretado a natureza de modo inteiramente mitológico<sup>10</sup>.

Os pesquisadores divergem entre si a respeito da data de Ferecides, somente sabe-se ao certo que viveu no século VI a.C. Foi contemporâneo dos “Sete Sábios”, sendo incluído entre eles por Diógenes Laércio, mas a lenda dos “Sete Sábios” é incerta e não nos serve como um indício seguro de datação. Para se ter uma noção do quão vaga era essa lenda na época de Diógenes Laércio — século III d.C. —, basta considerar que há onze personagens incluídos na sua lista de “Sete Sábios”. Contudo, Diógenes nos diz que “Ferecides estava no apogeu na 59ª Olimpíada”<sup>11</sup>, que sabe-se ter durado de 544 a 541 a.C. O problema dessa datação é que ela faz Ferecides mais novo que Tales e um contemporâneo mais jovem de Anaximandro, mas se levarmos em consideração Hermipo em *D.L. I 42*, Ferecides já estava em atividade literária na época do apogeu dos “Sete Sábios” (que para ele são dezessete), fazendo-o mais ou menos contemporâneo do rei lídio Aliates (605-560 a.C.) e, conseqüentemente, do estabelecimento da aliança entre lídios e milésios, e também do eclipse previsto por Tales (18 de maio de 585 a.C.?). Nenhuma das datações propostas pelos cronógrafos antigos (Diógenes Laércio, Hermipo, Aristóxeno, Apolodoro, Cícero, Plínio e Eusébio) parece particularmente histórica, mas é consensual que Ferecides estava em atividade no século VI a.C.

As divergências quanto à datação expressam o profundo obscurantismo em torno da figura de Ferecides que teve a ele muitos prodígios miraculosos atribuídos, como, por exemplo, predições de tremores de terra, de naufrágios e da captura de uma cidade. Interessante é perceber que os mesmos prodígios são atribuídos, com pequenas variações, a Pitágoras. Além disso, havia já no século IV a.C. a crença difundida de que Pitágoras foi discípulo de Ferecides e que o acompanhou até os seus últimos dias. Essa crença ganhou

<sup>10</sup> Ver a passagem já citada de Aristóteles extraída de *Met.* N 4, 1091 b 8.

<sup>11</sup> *D.L. I 121*.

corpo a partir de Ândron de Éfeso (século IV a.C.), que teve uma obra plagiada por Teopompo, mas atualmente ventila-se a hipótese de que toda a atribuição de uma estreita relação entre Ferecides e Pitágoras tenha surgido do seguinte fragmento de Íon de Quios:

Íon de Quios diz acerca de Ferecides: “Assim ele avultou em valor e em honra, e agora, que está morto, tem uma existência aprazível para a sua alma — se é que Pitágoras, que foi verdadeiramente sábio, mais que todos os outros conheceu e aprendeu a fundo as opiniões dos homens.” (Íon de Quios, *apud. D.L. I 120*).

Ferecides escreveu um livro que sobreviveu ao incêndio da Biblioteca de Alexandria em 47 a.C. — conforme se deduz de um comentário de Damáscio sobre o livro (fragmento 50) feito posteriormente ao incêndio — tendo chegado em parte (ou o que era considerado parte dele) até Diógenes Laércio no século terceiro de nossa era. Teopompo, no século IV a.C., preservado em *D.L. I 116*, nos diz que Ferecides foi o primeiro a escrever sobre os deuses em prosa, em oposição a Hesíodo. De fato seu livro (*Os Sete Recessos*) e o de Anaximandro (*Da Natureza*) foram os primeiros livros em prosa a alcançarem vulto e a sobreviverem.

### 3- A Teogonia de Ferecides de Syros:

Bastante resumidamente, a Teogonia de Ferecides possui o seguinte teor:

- Havia três deuses originários e incriados: Zás, Khrónos e Ctónia. Ctónia recebe em seguida o nome de Ge, por ter recebido Ge de presente de Zás.

A primeira coisa a evidenciar aqui é que Zás é uma forma etimológica de Zeus, vinculada a uma onomatopeia para raios. Ctónia é um nome primitivo da terra, significando ‘terreno’ ou ‘porção de terra’ já em Linear B, e será chamada propriamente de Terra em seguida, visto ter ganhado a Terra (Ge) de presente de Zás. Neste começo, contudo, o mais interessante é o personagem Khrónos<sup>12</sup> que tem seu nome não oriundo da grafia tradicional do deus Krónos<sup>13</sup>. A grafia utilizada por Ferecides refere-se ao tempo cronológico, e não ao

---

<sup>12</sup> χρόνος.

<sup>13</sup> Κρόνος.

deus Krónos que aparece nas Teogonias mais tradicionais e, apesar de ter se tornado uma associação comum na cultura grega mais tardia, essa era uma inserção de um elemento imanente e mundano um tanto heterodoxa para a época. No desenvolvimento posterior do texto, Zás, Khrónos e Ctónia serão substituídos pelas formas mais tradicionais em que aparecem na cultura grega, se tornando, respectivamente, Zeus, Krónos e Ge.

- Khrónos, o tempo, por onanismo produz sêmen e deste produz ar, fogo e água. Essas matérias produzirão não outras matérias como era de se esperar, mas outros deuses.

Salientamos aqui a semelhança entre a masturbação cosmogônica de Khrónos que aparece em Ferecides e a masturbação cosmogônica de Atum-Rá mencionado na teologia menfítica. Trata-se de um motivo sem precedentes na cultura grega e de origem claramente próximo-oriental. Além disso, há em Ferecides uma ideia predecessora das daquelas das cosmologias jônicas que interpretam o cosmos como originado de um ou outro elemento primário: esses elementos já aparecem em Ferecides, com a exceção da terra, que é incriada, pois se segue à Ctónia por ser uma manifestação desta.

- O sêmen de Khrónos (agora definitivamente Krónos) só pôde produzir os elementos primevos por ter sido depositado em cinco recessos, buracos que havia no corpo de Ctónia. Destes buracos surgem não só os elementos primevos, mas também uma segunda geração de deuses, entre eles Tífon, que será encarregado, mais tarde, de tentar depor Zeus.

Neste momento surge a segunda geração de deuses, filhos de Krónos e Ctónia, são o paralelo de Ferecides aos Titãs de Hesíodo. O principal deles é Tífon, um motivo claramente oriental do arquétipo do deus-serpente, que será mais adiante transformado em Ofioneu. Krónos criou esses deuses para desafiar Zeus porque este havia matado certos Gigantes que eram entes queridos por Ge.

- Em seguida Zeus casa-se com Ctônia e, como presente de núpcias, lhe dá um tecido bordado em que ele localiza Ogenos (o oceano primordial) e Ge (a Terra propriamente). Depois o tecido é posto sobre um carvalho alado.

O tecido que dispõe o lugar das coisas é a estrutura do cosmos ainda sem sustentação. Ao dispor o cosmos sobre um carvalho alado, ele ganha sustento. Trata-se da primeira elaboração mais cuidadosa que pretende descrever o arranjo do cosmos e o lugar que nele as coisas ocupam.

Após o casamento, dois exércitos se alinham, o de Krónos e o de Ofioneu. A intenção da criação de Tífon era a de desafiar Zeus, mas este se casa e arranja um cosmos onde ele, Zeus, é o deus supremo. Restou a Krónos e Ofioneu reger o céu, e é isso que eles disputam. Krónos vence, se torna chefe do céu e se atribuem diferentes quinhões aos diferentes deuses.

#### **4- A ilha de Syros:**

Na Jônia do século VIII a.C. a realeza do tipo homérico já havia desaparecido e uma minoria de privilegiados pelo nascimento e pela riqueza (os eupátridas) passou a possuir a terra e a autoridade. Além disso, um vasto movimento de colonização levou à fundação de cidades gregas nas costas do Mediterrâneo e do ponto Euxino.

Essa migração foi para a ampliação das redes comerciais, com o estabelecimento de novos empórios e portos, e também, em alguns casos, uma solução para a demanda de terras por parte dos mais pobres. A estratégia colonialista dos jônicos e a relação relativamente estável com alguns de seus vizinhos possibilitaram a fundação de colônias na ilha de Syros no século VII a.C. Syros era importante por se localizar em um ponto médio entre a Magna Grécia e a Jônia, e também, por ter sido alvo de colonizadores fenícios, se tornando um relevante empório com um grande porto, um entreposto que possibilitava intercâmbio de produtos e ideias não só entre cidades helênicas, mas também com os fenícios. Dessa Cíclade, de ascendência heleno-fenícia provinha Ferecides.

Assim sendo, a maneira mais profícua para entendermos o pensamento de Ferecides em toda a sua completude é a compreensão das dinâmicas comerciais de Syros, que era

uma cidade portuária e, como tal, admitia uma grande circulação de pessoas. Além disso, Syros era uma ilha portuária meio-helênica e meio-fenícia (o próprio nome ‘Syros’ provavelmente origina-se da palavra ‘Sour’ ou ‘Osoura’ que significa ‘pedra’ em fenício)<sup>14</sup>.

A ilha de Syros tem sido habitada desde tempos pré-históricos e foi um importante centro da chamada civilização Cíclade, tendo estado sob dominação minoica e micênica na Idade do Bronze. No século VIII a.C. ela foi colonizada por fenícios, cujo primeiro habitante, de acordo com as lendas locais, foi Coeranus, que lá chegou sobre um golfinho após seu navio ter naufragado perto de Paronaxia. Além disso, sítios arqueológicos indicam que os primeiros assentamentos lá são de origem fenícia. No século VII a.C. colonizadores jônicos fundaram assentamentos em Syros encontrados hoje sob as cidades de Ermopolis e Poseidona.

Consideraremos os detalhes da Teogonia e Cosmogonia de Ferecides de Syros, que para os gregos conservava traços bastante ‘não-helênicos’ a ponto de afirmarem que “ele próprio [Ferecides] não teve mestre, mas instruiu a si próprio depois de ter obtido livros secretos dos Fenícios”<sup>15</sup>. Eis porque tencionamos, neste trabalho, analisar a circulação de ideias entre gregos e fenícios nas colônias do Mar Egeu, notadamente em Syros, através da análise sistemática dos fragmentos da Teogonia de Ferecides e da doxografia a ele concernente.

## II- PROBLEMAS:

Em suma, além de datação, os problemas que surgem dentro da Teogonia ferecidiana são os que se seguem. Primeiramente a influência do Orfismo. O *floruit* de Ferecides, uma vez fixado em meados do séc. VI a.C., é contemporâneo de um movimento de renovação da vida religiosa grega, que encontra uma de suas grandes expressões nas novas Teogonias que incluirão em si elementos do Orfismo, de onde poderiam ter surgido as ideias ferecidianas da imortalidade da alma. Para as interpretações que dão margem a que se conclua tal coisa veremos: GOMPERZ (1908), KERN (1888), JOËL (1921), DIELS (1887).

---

<sup>14</sup> ‘BLAZQUEZ, Jose, M. *Fenicios y Cartagineses en el Mediterráneo*. Madrid: Ediciones Cátedra S/A, 2004.’

<sup>15</sup> Fragmento 46, Suda.

A Teogonia de Ferecides, emergida no séc. VI a.C., se relaciona com a física jônica então nascente, e ambas as concepções de mundo se entrelaçam e se influenciam mutuamente. Assim se nos apresenta o pensamento de Ferecides, expresso através de imagens teogônicas e simultaneamente conotado por uma fundamentação racionalizante. Ferecides rejeitará uma geração primeira das coisas como se dá em Hesíodo (*Theogonia* 116). Para Ferecides, os três constituintes primevos do cosmos são incriados, assim como pensavam os físicos milésios, e mesmo que se apresentem através de imagens teogônicas é inevitável ver neles a concepção de *arché*. Esta talvez seja uma das suas contribuições mais inovadoras de acordo com os testemunhos de Damásio (*De principiis*, 124b) e Diógenes Laércio (*D.L.* I 119).

Se, por um lado, há nítidas influências da nascente física jônica sobre a Teogonia do *memigménoi* de Syros, há também influências que já na antiguidade eram ponto polêmico, considerando as suas semelhanças com matrizes míticas orientais e próximo-orientais. Por exemplo: a relação que Aristóteles (*Metaphysica*, N, 4, 1091 b8) e também Orígenes (*Contra Celsum*, VI, 42) atribuem à Ferecides com o Masdeísmo devido à dualidade de forças constante em sua obra (Zás X Ctónia; Ge X Ogenos; Chrónos X Ofioneu); a possível transmissão de mitos babilônicos, segundo Fílon de Biblo (*apud.* Eusebius, *De Evang. Praep.*, I, 10, 50), via fenícios, à Ferecides, que originaram a criatura caótica Ofioneu; a aparição de um deus do tempo cronológico figurado pela palavra *khronos*, ao invés de *Kronos*, que seria, segundo Eudemo (Eudemus, fr. 150), oriundo de uma influência fenícia. De fato, a Teogonia de Ferecides de Syros se afigura para os gregos tão não helênica que estes buscavam em outras culturas arredores as origens dos elementos anômalos que ela conserva.

Se considerarmos que Ferecides muito provavelmente era de ascendência fenícia, nascido em Syros, ilha do Egeu que conservava colônias fenícias, e o caráter dinâmico desse povo eminentemente comerciante, é bastante verossímil que em Ferecides encontre-se o registro do impacto causado por diversas culturas orientais e próximo-orientais, via fenícios, sobre a mentalidade dos gregos, notadamente jônicos, do séc. VI a.C. Somente verificando essa hipótese que se poderá analisar as influências da obra de Ferecides em uma nova percepção da natureza que é evidenciada principalmente em Hesíodo (*Theogonia*) e

nos fragmentos do primeiros físicos jônicos (*apud*. KIRK et al., 1994), ao que se deve acrescentar Aristóteles (*Physica; Metaphysica*).

### III- UMA DIGRESSÃO SOBRE METODOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO:

Do ponto de vista metodológico, satisfaz-nos a microhistória que nos permite uma investigação bastante minuciosa da vida e obra do mitógrafo da ilha de Syros, para tentarmos encontrar evidências do impacto da circulação de ideias nessa ilha, e também o aparato analítico fornecido por uma análise lexicográfica em torno dos principais conceitos utilizados por Ferecides, o que permite que se identifique em quais aspectos esses conceitos são inovadores em seus usos e formas etimológicas. Pensamos ser possível detectar em Ferecides elementos que endossem a hipótese de que houve uma translação de significados e formas de representação então presentes em algumas culturas orientais e próximo-orientais para a cultura jônica, que vinha sofrendo inovações em direção ao discurso que mais tarde chamar-se-ia “racional”. Assim sendo, teria ocorrido em Syros, uma das ilhas Cíclades de cultura híbrida em que se encontram traços micênicos, fenícios e helênicos, um processo que culminou em uma nova importante área de negociação de significados e representações, um terceiro lugar que “desloca as histórias que o constituem e lança novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas” (RUTHERFORD, 1990). Comprovando que de fato houve o impacto de elementos de mitologias oriundas de matrizes não jônicas sobre a Teogonia de Ferecides, poderíamos responder à seguinte pergunta: até que ponto as inovações ferecidianas que aparecem em sua Teogonia — como a noção de *arché* e a possibilidade de se explicar a natureza através de si própria — podem ter se originado nesse impacto?

#### 1- Metodologia:

A micro-história, no meu modo de ver, não está ligada à especificidade do objeto, mas sim à preocupação analítica, além de voltar-se para temáticas que não são centrais entre os historiadores ou então abordar de forma inovadora temas clássicos do debate historiográfico. [...] a micro-história implica uma abordagem ao mesmo tempo analítica, centrada em um tema específico, não necessariamente marginal e voltada para discussões teóricas. [...] a micro-história não é um método rígido, mas sim uma perspectiva. Na verdade, uma discussão a respeito

da noção de micro-história não tem muito sentido, pois trata-se de mais uma etiqueta (Ginzburg, 1990, p. 2-3).

Considerando o trecho acima, em que Ginzburg oferece uma breve definição de micro-história, tem-se que este se afigura como o paradigma metodológico a ser adotado. De acordo com a justificativa mais acima, assim sendo, nosso trabalho se concentra na especificidade analítica da pesquisa, aliada à lexicografia, e na minúcia do tema pesquisado. Desse modo, uma pesquisa sobre Ferecides e o impacto de seu pensamento deve ater-se ao âmbito do historicamente microscópico para em seguida lançar um olhar em direção a um plano mais macro, permitindo a análise da cultura híbrida no local e no período, seguindo uma metodologia possível de ser depreendida do prefácio da edição italiana de *O Queijo e os Vermes* em que há um procedimento muito específico de proposta de análise que contém elementos como: redução da escala, diálogo entre o geral (macroescala) e o específico (microescala), a descrição densa e a concepção de “excepcional normal”.

a- Interesse pelo “excepcional normal”, por exceções que são usualmente olvidadas, pelo que se tornou obscurecido ao longo do tempo;

b- “Sabendo menos, estreitando o escopo de nossa investigação, nós esperamos compreender mais. Essa mudança cognitiva tem sido comparada às variações na distância focal da lente de uma câmera. Pode-se chamar esta abordagem de micro-história, mas os rótulos são, em última instância, irrelevantes”. (GINZBURG, Carlo. *Latitudes, escravos e a Bíblia: um experimento em micro-história*, p.13)

A escassez de fontes não permite uma investigação mais ampla do contexto. Contudo esse aparente revés permite, através da análise de uma única fonte e de seus desdobramentos, a reconstrução do pensamento de uma pessoa em um dado momento e em um dado lugar, partindo do micro em direção ao macro (no presente caso, Ferecides no século VI a.C. em Syros)<sup>16</sup>;

---

<sup>16</sup> Ver: ‘GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006’. Parágrafo 2 do prefácio à edição italiana. Para mais, ver: ‘GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989’; ‘Idem. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991’; ‘Idem. *Microhistoria: dos o tres cosas que sé de ella. Entrepasados* – Revista de História, 8- 1995’; ‘VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da História: microhistória*. Rio de Janeiro: Campus, 2002’; ‘REVEL, J. (org.). *Jogos de escala: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998’; ‘Idem. *Un vent d’Italie: l’émergence de la micro-histoire*. Sciences Humaines, 18:23-27, 1997’; ‘LEVI, Giovanni. *Sobre a microhistória*. em BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992’; ‘FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: Editora UNICAMP, 1995’; ‘ESPIG, Márcia Janete. “Uma poeira de

c- Uma abordagem analítica, ou seja, que decomponha uma totalidade aparente em diversas partes menores para a investigação individual de cada parte. Com isso se pretende que, ao reunir as partes no movimento de síntese, apareçam novos dados sobre o todo antes investigado que permitam que novas considerações sobre ele sejam feitas. Para aprofundar ainda mais nossa análise desses textos, utiliza-se o método lexical de Françoise Frontisi-Ducroux (1975), que parte da análise da família lexical dos termos e dos contextos em que foram empregados, possibilitando a produção de grades de análise, verificando, portanto:

1º. as situações em que aparecem esses nomes e porque o uso desse peculiar estilo para grafar nomes de entes tradicionais do panteão helênico;

2º. as palavras e expressões que as caracterizam;

3º. o emprego e o significado dessas palavras em cada situação e autor.

## 2- Documentação:

A principal documentação disponível para esse tema tão espinhoso, em um contexto de hibridismo cultural, pode ser dividida por partes.

Primeiramente, os documentos que confrontam a Teogonia de Ferecides com outras concepções mitológicas que havia entre os gregos são: ‘ANÔNIMO, *Orphicorum Fragmenta*’; ‘GRENFELL-HUNT, *Greek Papyrus*’; ‘HESÍODO, *Erga kaí hemérai*’ e ‘*Theogonia*’; ‘PORPHYRIUS, *De antro nympharum*’.

Por sua vez, os documentos que permitem verificar a possibilidade de haver influências fenícias sobre a Teogonia de Ferecides são: ‘ANÔNIMO, *Περὶ ἑβδομάδων*’; ‘AUGUSTINUS, *De haeresibus*’; EUSEBIUS CAESARIENSIS, *De evangélica praeparatione*’; ‘HANNO, *Periplus*’; ‘HIPPOLYTHUS, *Refutación de todas las heresias*’; ‘PHILO BYBLUS, *Sanchuniathon*’; ‘STRABO, *Geographia*’.

---

*acontecimentos minúsculos*”: algumas considerações em torno das contribuições teórico-metodológicas da micro-história, em *Revista de História da Unisinos*, vol. 10. Porto Alegre, 2006’; ‘CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997’; ‘*Idem. Um historiador fala de teoria e metodologia*. Bauru, SP: EDUSC, 2005’; ‘*Idem. Antigüidade oriental: política e religião*. São Paulo: Contexto, 1990’; ‘*Idem. Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Ática, 1986’.

Os que versam sobre a vida, época e origem de Ferecides são: ‘DIOGENES LAERTIUS, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*’; ‘HERODOTUS, *Historae*’; ‘HOMERUS, *Odyssea*’; e a entrada na *Suda*.

#### IV- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

##### i- Documentação textual:

- APOLLONIUS RHODIUS. *Argonautica*, ed. R.C. Seaton. Oxford: Claredon Press, 1929.
- ARISTÓTELES. *Metaphysica*, ed. W. D. Rose. Oxford: Claredon Press, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Physica*, ed W. D. Rose. Oxford: Claredon Press, 1953.
- AUGUSTINUS. *De haeresibus*. Paris: Montrouge, 1841.
- BARNES, Jonathan. *Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BASTOS, Fernando. *A Teogonia de Ferecides de Siro*. Lisboa: Incm, 2003.
- DALLEY, Stephanie. *Myths from Mesopotamia: Creation, the Flood, Gilgamesh, and Others* (Oxford World's Classics). Oxford: Oxford University Press, 2009.
- DIELS, H. –KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 3 vols. Berlin: Weidmann, 1954.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*, traduzido por Kury, Mário da Gama. Brasília: Editora UnB.
- HANNO. *The Periplus of Hanno: A Voyage of Discovery Down the West African Coast* (1912 ). Nova Iorque: Cornell University Library, 2009.
- HERODOTUS. *Historae*. Oxford: Claredon Press, 1941.
- HESIODO. *Theogony and Works and Days*, Oxford World's Classics. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- HOMERO. *Ilias*. Oxford: Claredon Press, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Odyssea*. Oxford: Claredon Press, 1962.
- KERN, Otto (ed.). *Orphicorum Fragmenta*. Berlin, Weidmann, 1922.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1994.
- MIELI, Aldo (ed.). *Peri\ )Ebdomadwn*. Firenze: Della Voce, 1916.

OVIDIUS. *Metamorphoseon*. Cambridge: Harvard University press, 1954.

PLUTARCO. *De Iside et Osiride*. Cambridge: Harvard University Press, 1936.

SCHIBLI, Hermann S. *Pherekydes of Syros*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

## ii- Comentários:

ADRADOS, F.R. *Líricos Griegos. Elegíacos y Yambógrafos Arcaicos*, v. I. Barcelona: Alma Mater, 1956.

AUBET, Maria Eugenia. *The Phoenicians and the West: Politics, Colonies and Trade*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

AUSTIN, Michel; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1986.

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. *Lexicografia e Terminografia: Alguns Contrapontos Fundamentais*; em Revista Alfa, n° 50. São Paulo, 2006.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLASQUEZ, Jose M. *Fenícios y cartagineses en el Mediterraneo*. Madrid: Ediciones Catedra S.A., 2004.

BRANIGAN, Ciaran. *The Circumnavigation of Africa*, em Classics Ireland vol. 1. Dublin: Classical Association of Ireland, 1994.

BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. *História e teoria social*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *Hibridismo Cultural*. Porto Alegre: Unisinos, 2003

BURKET, Walter. *The Orientalizing Revolution: Near Eastern Influence on Greek Culture in the Early Archaic Age*. Harvard: Harvard University Press, 1998.

\_\_\_\_\_. *Babylon, Memphis, Persepolis: Eastern Contexts of Greek Culture*. Harvard: Harvard University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. *Greek Religion: Archaic and Classical*. Oxford: Wiley-Blackwell, 1991.

\_\_\_\_\_. *Structure and History in Greek Mythology and Ritual* (Sather Classical Lectures). California: University of California Press, 1982.

BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. *Uma Introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. *Sete Olhares Sobre A Antiguidade*. Brasília: Editora da UnB, 1994.

\_\_\_\_\_. *O Trabalho Compulsório Na Antigüidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CASSON, Lionel. *The Ancient Mariners*. Princeton: Princeton University Press, 1991.

CORNFORD, F.M. *Antes e Depois de Sócrates*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *From Religion to Philosophy: A Study in the Origins of Western Speculation*. Nova Iorque: Dover Publications, 2004.

\_\_\_\_\_. *The Unwritten Philosophy and Other Essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DIELS, Hermann. *Zu Pherekydes Von Syros*, em *Archiv fur Geschichte der Philosophie*, I. Berlim, 1887.

ESPIG, Márcia Janete. “*Uma poeira de acontecimentos minúsculos*”: *algumas considerações em torno das contribuições teórico-metodológicas da micro-história*, em *Revista de História da Unisinos*, vol. 10. Porto Alegre, 2006.

FINKELBERG, Aryeh. *On the Unity of Orphic and Milesian Thought*, em *The Harvard Theological Review*, Vol. 79, No. 4. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

FINLEY, M.I. *A Política no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. *Grécia Primitiva: a Idade de Bronze e a Idade Arcaica*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

- FREEMAN, Edward Augustus. *The History of Sicily from the Earliest Times: Volume 1. The Native Nations: The Phoenician and Greek Settlements*. Boston: Adamant Media Corporation, 2001.
- FRONTISI-DUCROUX, Françoise. *Dédale; Mythologie de L'artisan en Grece Ancienne*. Paris: François Maspero, 1975.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: Editora UNICAMP, 1995.
- GAGARIN, Michael; WOODRUFF, Paul. *Early Greek Political Thought from Homer to the Sophists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Microhistoria: dos o tres cosas que sé de ella. Entrepasados – Revista de História*, 8- 1995.
- GLOTZ, G. *Histoire Grecque*, vols. I, II, III e IV. Paris: Presses Universitaires de France, 1926.
- GRANGER, Herbert. *The Theologian Pherecydes of Syros & the Early Days of Natural Philosophy*, em *Harvard Studies in Classical Philology*, Volume 103. Harvard: Harvard University Press, 2008.
- HEAD, Barclay Vincent. *Catalogue of the Greek Coins of Ionia*. Boston: Adamant Media Corporation, 2001.
- HETZRON, Robert (ed.). *The Semitic Languages* (Routledge Language Family Series). Londres: Routledge, 2005.
- HORNBLOWER, Simon (ed.). *Greek Historiography*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- JIGOULOV, Vadim S. *The Social History of Achaemenid Phoenicia: Being a Phoenician, Negotiating Empires*. Londres: Equinox Publishing, 2010.
- JOËL, Karl. *Geschichte der antiken Philosophie*, I. Tubingen: Mohr, 1921
- KAHN, Charles. *Pitágoras e os Pitagóricos*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- KERN, Otto. *De Orphei Epimenidis Pherecydis theogoniis quaestiones criticae*. Berlim, 1888.

KOIKE, Katsuzo. *Os Primórdios da Prosa Grega*, em Revista Archai: Revista de Estudos Sobre as Origens do Pensamento Ocidental. Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_. *Os PHYSIKOÍ Jônios e o Saber na Grécia Arcaica*, em Linguagens e Formas de Poder na Antigüidade: Poder, Práticas e Saberes. Rio de Janeiro: Faperj/ Mauad, 2002.

LEVI, Giovanni. *Sobre a microhistória*. em BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA FILHO, H.E.R. *Microstoria: escalas, indícios, singularidades*. Campinas, SP. Tese de doutorado em história. Centro de Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1999.

LIPINSKI, E. *Phoenicia and the East Mediterranean in the First Millennium B.C.* (Orientalia Lovaniensia Analecta). Bélgica: Peeters Publishers, 1987.

MALLORY, J.P; ADAMS, D.O. *The Oxford Introduction to Proto-Indo-European and the Proto-Indo-European World* (Oxford Linguistics).Oxford: Oxford University Press, 2006.

MARCONI, Momolina. *Can the Cosmogony of the Greeks Be Reconstructed?*, em History of Religions, Vol. 1, No. 2. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

MIREAUX, Émile. *A Vida Quotidiana no Tempo de Homero*. Lisboa: Livros do Brasil, 19- ?.

MITCHELL, Lynette G., RHODES, P.J. (eds.). *The Development of the Polis in Archaic Greece*. Londres: Routledge, 1997.

MOSSÉ, Claude. *As Instituições Gregas*. Lisboa: Edições 70, 1985.

\_\_\_\_\_; GOUKOWSKY, Paul. *Le Monde Grec et L'Orient*. Paris : Presses Universitaires de France, 1985.

NILSSON, Martin P. *Early Orphism and Kindred Religious Movements*, em The Harvard Theological Review, Vol. 28, No. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1935.

PARKINSON, William A; GALATY, Michael L. *Archaic State Interaction: The Eastern Mediterranean in the Bronze Age* (School for Advanced Research Advanced Seminar Series). Santa Fe: SAR Press, 2010.

POLIGNAC, François de. *La Naissance de la Cité Grecque: cultes, espace et société, VIIIe - VIIe siècles*. Paris : Ed. La Decouverte, 1995.

- REED, C.M. *Maritime Traders in the Ancient Greek World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- REVEL, J. (org.). *Jogos de escala: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Un vent d'Italie: l'émergence de la micro-histoire*. *Sciences Humaines*, 18:23-27, 1997.
- RUTHERFORD, Jonathan. *The Third Space, Interview with Homi Bhabha*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.
- SCHEIDEL, Walter; MORRIS, Ian; SALLER, Richard P. (eds.). *The Cambridge Economic History of the Greco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- SEDLEY, D. *Os Protagonistas*, em: *Revista Índice* vol. 02, n° 1, 2010/1.
- SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. *A Guerra na Grécia Antiga*. São Paulo: Ática, 1988.
- TOUTAIN, Jules François. *L'Economie Antique*. Paris: La Renaissance du Livre, 1927.
- TRABULSI, José Antonio Dabdab. *L'antique et le Contemporain ; Études de Tradition classique et d'historiographie moderne de l'antiquité*. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2009.
- VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da História: microhistória*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- VERNANT, J-P. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- VLASTOS, Gregory. *Theology and Philosophy in Early Greek Thought*, em *The Philosophical Quarterly*, Vol. 2, No. 7. Oxford: Blackwell Publishing, 1952.
- WACHSMANN, Shelley. *Seagoing Ships & Seamanship In The Bronze Age Levant* (Ed Rachal Foundation Nautical Archaeology). Texas: Texas A&M University Press, 2008.
- WARD. *The Role of the Phoenicians in the Interaction of Mediterranean Civilizations*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 1995.
- WEST, M.L. *The East Face of Helicon: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Indo-European Poetry and Myth*. Oxford: Oxford University Press, 2009.